

O Código Tiradentes

JOSÉ MURILO DE CARVALHO¹

ENVIEI a vários amigos o texto de uma prova de aluna do Ensino Médio de escola do Rio de Janeiro que me identificava com Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, atribuindo-me, inclusive, a sorte do inconfidente, qual seja, decapitação e esquartejamento, como se pode ler abaixo. Um desses amigos, Antônio Carlos Secchin, meu colega na ABL, ilustrou a visão da aluna, representando-me como Joaquim José Murilo Xavier, forçando um pouco a imaginação ao incluir a longa cabeleira e a densa barba.

"Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos." (2,0)

(CARVALHO, José Murilo de, *A Formação das Almas*, São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 55)

Relacione as imagens ao fragmento do texto de José Murilo de Carvalho.



o José Murilo de Carvalho foi considerado um herói nacional, por ter sido seus membros e cabeça cortados e enviados ao Brasil por ter sido contra as ideias do regime, sendo usado para ser uma referência para o general.



O autor segundo Antonio Carlos Secchin



Tiradente pelo pintor Décio Villares

A reação dos amigos foi simpática e bem-humorada, não me ocorrendo que a qualquer deles pudesse ter agradado a ideia de desejar para mim a sorte do mártir (sonho que poderia ter ocorrido a meus inimigos, a quem não mandei o texto). Vi-me, no entanto, diante de um dilema moral: eu ocultava aos amigos a verdadeira história por trás do texto da prova da aluna. A culpa levou-me a contar-lhes a verdade, que agora conto a todos. Tudo começou com a criação de uma sociedade secreta intitulada “A Ordem dos Cavaleiros da República Florente”. A expressão “república florente” foi retirada de depoimento de Tiradentes, conforme consta dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira (Autos..., 1978). Referia-se à república de seus sonhos, marcada pela liberdade, pela virtude cívica, pela fraternidade, pela prosperidade. A Ordem vem lutando, há mais de duzentos anos, para tornar realidade o sonho do Inconfidente. A este sonho ela chama de Código Tiradentes.

A sociedade secreta foi fundada em São João Del Rei, em 1792, após o suplício do inconfidente no Rio de Janeiro. A iniciativa deveu-se a parentes e amigos dos inconfidentes moradores da comarca do Rio das Mortes, como Inácio José de Alvarenga, padre Carlos Correia e Melo e seu irmão, o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza e os Resende Costa, pai e filho. Expandiu-se logo aos outros núcleos rebeldes da capitania de Minas, sobretudo em Vila Rica e no arraial do Tijuco (hoje Diamantina), terra do padre José da Silva Rolim e onde teve Teófilo Otoni como seu principal chefe. Estendeu-se depois pelos locais por onde tinham circulado os inconfidentes. Foi o caso do Rio de Janeiro, onde Tiradentes tinha muitos contatos e cúmplices, sobretudo entre os maçons. Membros da Ordem ingressaram na Sociedade Literária, também chamada de Conjuração Carioca, dissolvida pelo vice-rei, conde de Resende em 1794. Em São Paulo, houve a adesão dos parentes dos dois Toledo Piza envolvidos na Inconfidência, ambos originários de Taubaté. Membros da Ordem participaram da proclamação da independência às margens do Ipiranga, como parte da escolta que acompanhou d. Pedro em sua viagem à província. Foi em São Paulo também que um dos cavaleiros da Ordem, o jornalista Líbero Badaró, foi assassinado em 1830 e, já na Regência, outros sócios se infiltraram na Bucha, a sociedade secreta da Faculdade de Direito.

Na Bahia, por onde andou e padre Rolim, e onde se refugiou e passou a residir o naturalista José de Sá Bittencourt, os membros da Ordem participaram da Conjuração de 1798. Foi nessa ocasião que Cipriano Barata (2009) a ela se filiou e nela militou até o fim da vida, publicando sua *Sentinela da liberdade* no Rio de Janeiro, na Bahia, e em Pernambuco, muitas vezes de dentro do cárcere. Em Pernambuco, para onde também tinham fugido alguns dos conspiradores mineiros ameaçados pela devassa, membros da Ordem estiveram presentes no Areópago de Itambé, fechado em 1801, envolvendo-se ainda nas revoluções de 1817 e 1824. Na Regência, um de seus principais militantes nessa província foi o paraibano Borges da Fonseca, editor de *O Repúblico*.¹ A atuação da Ordem

chegou ao extremo norte no país, levada pelo cearense Eduardo Angelim, que dela tomara conhecimento graças a contatos em sua província natal com refugiados da Confederação do Equador. Angelim foi o principal líder da Cabanagem e levou ao extremo seu respeito pela coisa pública ao entregar ao bispo o tesouro da província quando decidiu abandonar a capital para lutar no interior.

Durante o Segundo Reinado, os cavaleiros da Ordem estiveram presentes na Revolução Liberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais, com Diogo Feijó e Teófilo Otoni, na Praieira, com Borges da Fonseca, e na Farroupilha. Nesse último caso, o contato foi estabelecido por Bento Gonçalves, quando esteve preso no Rio Janeiro, onde foi protegido por Mauá, e na Bahia.

Vários de seus membros participaram do movimento republicano, sobretudo na capital do Império e em São Paulo. No Rio de Janeiro, envolveram-se no protesto contra a colocação da estátua de Pedro I no local do enforcamento de Tiradentes, participaram da criação do Clube Tiradentes em 1882 e se dedicaram, com a grande ajuda da Igreja Positivista, à tarefa de recuperar a imagem do inconfidente. Os positivistas ortodoxos, quem embora não pertencessem à Sociedade, aderiam ao Código, elevaram Tiradentes à condição de pai da pátria, ao lado de José Bonifácio e Benjamin Constant. Foi também em 1882 que, em São Paulo, outro membro da Ordem, Luís Gama, publicou o impactante *À força o Cristo da multidão* (cf. Ferreira, 2011, p.174-6), ao mesmo tempo em que se envolvia nos movimentos abolicionista e republicano.

No entanto, proclamada a República, os membros da Ordem logo se deram conta de que o novo regime nada tinha a ver com a República Florente sonhada por Tiradentes. Não era também a República dos sonhos deles. O novo regime excluía o povo e reservava a poucos o exercício do poder e o controle da riqueza. Em busca do sonho, continuam lutando, passados mais de dois séculos, até os dias de hoje, quando se tornam mais chocantes os desvios da República.

A luta sempre encontrou dura resistência, de início da Metrópole, depois do Império, depois dos donos da República. Foram muitas as vítimas. No Primeiro Reinado, as principais foram Frei Caneca e Líbero Badaró. No início da República, seu militante mais destacado, Silva Jardim, foi jogado no Vesúvio. No século XX, os alvos principais foram os reformistas João Pinheiro, morto estranhamente aos 48 anos quando se preparava para se candidatar à presidência, Juscelino Kubistchek, vítima de forjado acidente de trânsito, Tancredo Neves, envenenado em hospital de Brasília, e Ulisses Guimarães, em pretense acidente de helicóptero. Eu fui apenas a vítima mais recente e mais insignificante dos inimigos do Código Tiradentes. Meu pertencimento à Ordem foi denunciado com recurso à desprezível tática de usar uma inocente aluna do Ensino Médio. O motivo da retaliação pode ter sido a publicação de meu recente livro sobre o pecado original da República, despretenhoso, mas escrito no espírito do Código. Meu ingresso na Ordem deveu-se a longa tradição familiar na qual cristãos novos minhotos migrados para São João Del Rei no século XVIII entraram

em contato com os inconfidentes da Comarca do Rio das Mortes. Um tio-avô materno, padre rebelde, amasiado com a empregada, e ameaçado de excomunhão, iniciou meu avô materno que, por sua vez, me introduziu nos segredos da instituição.

Esta é a história verdadeira por trás da maldosa, posto que aparentemente inocente, ligação de meu nome ao de Tiradentes, que me senti obrigado a revelar. Apesar de exposto, continuo convencido de que a luta pela República Florente, contra os donos da República delinquente, é ainda mais necessária nos dias de hoje, e de que a Ordem deve continuar sua missão bicentenária, a despeito dos riscos que correm seus membros.

Nota

I Pasquim de crítica política com inclinação liberal, editado por Antônio Borges da Fonseca, no Rio de Janeiro em 2 de outubro de 1830.

Referências

AUTOS DE DEVASSA da Inconfidência Mineira. Brasília; Belo Horizonte: Câmara dos Deputados; Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1978. 10v.

BARATA, C. *A sentinela da liberdade e outros escritos* (1821-1835). Org. e ed. Marco Morel. São Paulo: Edusp, 2009. 936p.

FERREIRA, L. F. *Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

José Murilo de Carvalho é cientista político e historiador. Foi professor da Universidade Federal de Minas Gerais e do IUPERJ por 20 anos. É professor titular de História do Brasil no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor emérito da UFRJ. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências. Autor de várias obras, entre elas, *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* (Cia. das Letras, 1990); *Forças Armadas e política no Brasil* (Jorge Zahar, 2005); e *Cidadania no Brasil: o longo caminho* (Civilização Brasileira, 2004). @ – josemurilodecarvalho@gmail.com

Recebido em 18.1.2018 e aceito em 15.2.2018.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.